

r a

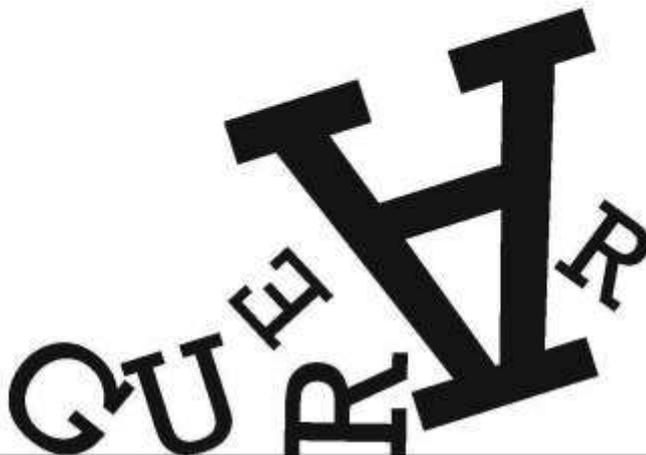
REVISTA ATHENA

ISSN 2184-0709 — Revista Trimestral — Edição nº 20 — Maio de 2022

ISSN 2184-0709 — Revista Trimestral — Edição

ISSN 2184-0709 Revista Trimestral – Edição nº 20 – Maio de 2022

DA ERRÂNCIA DO MAL (.....) – EDITORIAL – por Artur Manso



“A Guerra” by Sara Vasconcelos

...OU DA NATUREZA DA HUMANIDADE

Onde está o perigo cresce também o que salva

Holderlin

24 de fevereiro de 2022. Mais uma vez, em plena Europa, a Rússia, Pátria de Gogol, *Turguêniev*, Tchékhov, *Dostoiévski*, Tolstoi, Pushkin, Borodin, Stravinsky, Eisenstein, Tarkóvski, por decisão do seu governo presidido por Vladimir Putin, irrompeu pela vizinha Ucrânia, causando destruição, sofrimento e morte inusitadas, sem qualquer propósito para lá do domínio territorial e da desmesurada manifestação brutal da força

bélica. Mais uma vez milhões de pessoas que apenas querem ter uma existência tranquila, são expulsas do seu território que a força das armas reduz a escombros. A segunda grande guerra na Europa só findou em 1945, a horrível guerra na ex Jugoslávia teve início nos anos de 1990 e arrastou-se até ao início do século XXI. A invasão do Iraque aconteceu em 2003. Na Síria decorre uma guerra civil que foi iniciada em março 2011. Se a isto juntarmos diversos conflitos *menores* e a sangrenta e quase permanente disputa entre israelitas e palestinianos, os confrontos na Irlanda (só em julho de 2005 o IRA anuncia o fim da luta armada) ou no vizinho País Basco (só em janeiro de 2011 a ETA adotou o cessar-fogo permanente), o ataque às torres gémeas nos Estados Unidos da América a 11 setembro 2001, os massacres em França, do Charlie Hebdo a 7 janeiro 2015 e em 14 novembro no teatro *Bataclan*, ficamos com uma panorâmica recente da peregrinação do mal e da guerra. Como lembra o dramaturgo Bertolt Brecht (1898-1956), seja por questões metafísicas ou por corriqueiros interesses materiais, a civilização que os homens construíram, tal como relatado na Bíblia, em Homero, nos trágicos gregos, Shakespeare, Dante, Cervantes e tantos outros, está a transbordar de guerras cruéis e fratricidas, dos maiores horrores e atrocidades. Também Hanna Arendt ao relatar os testemunhos dos carrascos julgados no pós guerra, conclui que a natureza humana é servil aos maus instintos daqueles que detêm o poder, levando pessoas *normais* a obedecer cegamente e provocar sofrimento nos seus semelhantes.



Os Refugiados de Sara Vasconcelos

Os textos fundantes de todas as civilizações são relatos de conflitos sociais e pessoais. A mitologia grega conta que para a criação do mundo Úrano (céu), parceiro de Gaia (terra), foi derrubado violentamente pelo seu filho Cronos que o castrou para logo de seguida violentar, à semelhança do pai, todos os que o rodeavam devorando os filhos à medida em que nasciam para que nenhum o viesse a derrubar. Tendo Zeus escapado à morte acabará por vencer o pai Cronos e tornar-se o novo tirano. O semideus Prometeu, ao ver que os humanos estavam completamente subjugados e mantidos na ignorância pela crueldade divina decide ofertar-lhes os saberes básicos e as destrezas técnicas para que

pudessem viver com liberdade e autonomia, mas os deuses não apreciaram tanta bondade e ordenaram a sua morte de forma violenta e cruel, o mesmo acontecendo com Sísifo que não se poderá libertar do trabalho inútil de arrastar a pedra ao cume da montanha para logo de seguida deslizar de novo para o ponto de origem tornando inglório o esforço despendido. Os mitos da criação bíblica não são menos violentos. Em *Génesis*, 4 aparece o episódio da morte violenta de Abel pelo seu irmão Caim, lendo-se mais à frente no capítulo 18 o diálogo entre Javé e Abraão que antecede a destruição de Sodoma e Gomorra. O mesmo trilho segue a poesia: Homero escreve a *Ilíada* história da guerra contra Troia e a *Odisseia* em que relata as peripécias mais ou menos cruéis a que o herói e estratega do confronto troiano Ulisses é sujeito por ter duvidado da ajuda divina em tão importante conquista que demorou uma década a ser consumada. As tragédias gregas que serviam para acalmar os povos pela comoção que despertavam nos espetadores em torno da dor alheia, que poderia muito bem ser a de cada um, são relatos de uma crueza impressionante: *Édipo*, *Antígona*, *As bacantes* espírito continuado com o mesmo sucesso e igual mestria muitos séculos depois por *Shakespeare*, que sendo mestre na tragédia e na comédia, a segunda fica ofuscada na violência da primeira em peças que se tornaram, tal como as gregas, imortais: *Romeu e Julieta* (1592), *Hamlet* (1599) *Rei Lear* (1605) *Macbeth* (1606). A mudança de paradigma anunciada no Evangelho de Cristo também não foge ao temor e tremor de uma humanidade atormentada. O seu nascimento contorna a vontade dos reis para o matar e a sua morte está envolta em uma crueldade desmedida, relatada no esplendor do mal no filme de Mel Gibson, *A Paixão de Cristo* (2004) em linha com a secular tradição da semana santa, aquela que antecede a Páscoa católica, nomeadamente em algumas regiões de Espanha e no continente sul americano, em que os participantes ao reviverem esse momento, voluntariamente infligem nos corpos tortura atroz. Mel Gibson também mostra em *Apocalypto* (2006) a luta entre os homens prosseguida em nome dos deuses, com o aviltamento dos vencidos em rituais sangrentos, no período da civilização Maia. Alguns anos antes já tinha apresentado *Braveheart* (1995) centrado na figura do guerreiro escocês da época medieval William Wallace, onde transparecem os horrores da guerra por motivos territoriais, neste caso dos povos da escócia contra o domínio imposto pela Inglaterra à altura governada por Eduardo I, queimando e arrasando tudo, matando, violando e aviltando os seres mais indefesos como as mulheres e as crianças. Repare-se, também, na letra sempre guerreira e triunfante dos hinos das Nações.

O iluminismo agarrado a um otimismo desmesurado na natureza humana quis inverter essa tendência, mas as guerras continuaram a ser uma constante entre os povos e mesmo autores otimistas como Rousseau e Voltaire deixaram-se enredar na teia da desgraça, tornando-a omnipresente. Voltaire quer assumir no *Cândido* as virtudes de um mundo humanamente bem ordenado, mas nada pode contra a revolta da natureza que exemplifica no terramoto de Lisboa (1755). Paradoxalmente, como lembra Baudelaire, poeta e crítico da modernidade, fora do legado cultural enquanto criação humana, não há qualquer possibilidade de aperfeiçoamento individual. O problema é que essa herança se constrói sobre o aviltamento da condição humana, da escravatura, de que são exemplo as grandes obras que nos habituamos a admirar. O progresso é fruto da violência e não limita nem atenua a peregrinação do mal que continuará na melhor literatura, poesia e arte em geral, juntamente com a ciência, a explorar a fraqueza de que os humanos são feitos e a sua obsessão pela destruição. Desta forma, é apenas uma questão de tempo para se saber quem continuará a maldade de Putin.

O russo Dostoiévski fez dizer ao príncipe Míchkin, personagem de *O idiota* que “a beleza salvará o mundo”, mas a evolução da humanidade é mais concordante com o prenúncio de Jack Landon que em *A peste escarlata* avança que a violência insana destrói a civilização para de seguida, fruto da criatividade e da ousadia dos indivíduos, invariavelmente, configurarem o caos informe em uma nova ordem que de novo farão perecer: “a sabedoria dos tempos passados, será a dos tempos vindouros. As massas sofrerão labutando como antigamente. E sobre a quantidade enorme de carcaças sangrentas, crescerá sempre a extraordinária beleza da civilização. A história do mundo não deixará de retomar o seu curso eterno”.